

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Keyla Christian de Vita Araujo

**ANTROPOCENO, POLÍTICAS DE UNIFICAÇÃO E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth de Paula Pissolato.

Juiz de Fora  
2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Keyla Christian de Vita Araujo**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201972018A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ANTROPOCENO, POLÍTICAS DE UNIFICAÇÃO E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS**, desenvolvido durante o período de Setembro de 2022 a Janeiro de 2023 sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth de Paula Pissolato, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 17 de janeiro de 2023.

---

**Keyla Christian de Vita Araujo**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# ANTROPOCENO, POLÍTICAS DE UNIFICAÇÃO E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS

Keyla Christian de Vita Araujo<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo pretende apresentar o tema do Antropoceno, trazendo algumas de suas complexidades e submetendo-o à crítica desenvolvida pelos povos ameríndios, particularmente através do pensamento dos intelectuais indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa. O texto contrapõe uma perspectiva construída e disseminada pelo capitalismo global, que tende a unificar o mundo e as culturas, com filosofias ou ontologias indígenas que afirmam a diversidade de modos de vida no planeta. Partindo da crítica à definição de humanidade como única, o artigo chega à pergunta sobre a atitude humana interessante frente à crise climática e à ameaça de fim experimentada hoje em termos globais. Políticas de diversidade ganham destaque como modo de resistência ao capitalismo global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropoceno. Capitalismo. Pensamento indígena. Resistência.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com uma exposição disponível no portal online do Museu do Amanhã, redigida por Thaís Cerqueira, que compõe a equipe de conteúdo, fonte em que se baseia a etimologia que irei expor neste primeiro momento, a origem da palavra antropoceno se dá a partir da junção do termo grego “Anthropos” e “Ceno”, que preservando o seu significado e sentido, a língua portuguesa compreende o primeiro termo como “ser humano” e o posterior como “eras geológicas”. O termo foi elaborado pelo químico Paul Crutzen, que em 1995 foi premiado com o importante e famoso prêmio Nobel por conta de sua descoberta e pesquisas acerca do tema em questão. Tendo como base uma segunda exposição presente no portal online do Museu do Amanhã, uma conceituação apresentada no texto redigido pelo professor José Augusto Pádua (UFRJ), antropoceno é a atual era geológica vigente no planeta terra, a qual traz como uma de suas principais características o poder surpreendente de modificação a nível geológico no planeta a partir das ações praticadas pelos seres humanos.

É brilhante que a inteligência humana tenha alcançado poder de modificação planetária, mas é preocupante que isso só foi descoberto a partir de indícios nocivos à vida de várias espécies de seres vivos, inclusive a humana. Entende-se, com base na mesma fonte anteriormente citada, que os seres humanos modernizaram suas maneiras de viver e produzir, então, tal ligação entre a civilização humana e a modificação do funcionamento dos fenômenos naturais do planeta fica mais compreensível ao contextualizarmos esse fenômeno no momento de desenvolvimentos acelerados, como, por exemplo, a revolução industrial. Isso porque, a partir desses desenvolvimentos que se davam muitas vezes com a utilização de máquinas, queimas de combustíveis fósseis e a queima de vários outros elementos que expelia para o planeta quantidades exacerbadas de gases que até então não se conheciam as consequências, foi possível identificar mudanças significativas que começavam a surgir no planeta, como por exemplo, poluições visíveis de rios e oceanos, surgimento de novas doenças, a instabilidade que foi sendo notada no âmbito climático e que não demorou muito para surgirem discussões acerca de mudanças climáticas e finalmente os termos “crise climática” e “aquecimento global”.

No presente artigo não me interessa muito estender e aprofundar em etimologia, conceitos e exemplos de antropoceno, mas o parágrafo anterior pode facilitar a compreensão de quem nunca ouviu falar deste rico e complexo tema. Adianto a intensidade que a temática possui porque é de extrema importância compreender que suas implicações não são meramente biológicas, geológicas ou um problema apenas da alçada do campo das ciências exatas e da natureza, mas está profundamente ligado e sendo pesquisado pelas ciências humanas e sociais, e ainda mais fortemente por ativistas e autores indígenas. Para compreensão de sua popularidade dentro de todas essas áreas voltadas ao entendimento da vida social humana, cito uma passagem interessante de uma das importantes obras do autor indígena Ailton Krenak, chamada “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019), presente no capítulo denominado “A humanidade que pensamos ser”:

---

<sup>1</sup>Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: keylacdvaraujo@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Elizabeth de Paula Pissolato.

“Assim como nós estamos hoje vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam Antropoceno. A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo.” (KRENAK, 2019, p.34)

Esse trecho de sua obra remete ao caráter político que muitos autores já identificaram no antropoceno. Acontece que, é defendido desde autores muito antigos, que a maneira como uma sociedade vai tomando forma é definida por uma construção de ideias de funcionamento criadas pelos próprios seres humanos, definindo assim a forma de existência a qual cada indivíduo presente naquele meio deve se adequar, padronizando pensamentos e ações, ditando aquilo que todos devem amar e aquilo que devem odiar, resultando em uma reflexão muito apontada por Ailton ainda nessa mesma fonte citada anteriormente, que é a reflexão de que criou-se, no ocidente, uma ideia única e rígida do que vem a ser humanidade.

Compreendendo isso na visão do antropoceno, pretendo enfatizar de antemão que as sociedades que mais sofrem e apontam problemas nesse fenômeno chamado antropoceno não são contra ou incompatíveis com um mundo em desenvolvimento, apenas chamam a atenção para o que se concebe como desenvolvimento e para as consequências da maneira como esse desenvolvimento se estabelece. Para exemplificar e conectar o que está exposto neste parágrafo, podemos pegar o fato vigente de que durante a revolução industrial e até os dias atuais, a operação de máquinas e a produção delas e de outros diversos materiais se valeram fortemente da degradação ambiental, o que quer dizer que os seres humanos foram retirando exaustivamente os recursos naturais, quase como se acreditassem que estes fossem de fato fontes inesgotáveis criadas para serem usadas à nossa disposição e dada a caprichos.

Contudo, se tomamos alguns povos indígenas e compreendermos sua relação respeitosa com a natureza, a espiritualidade que reconhecem como presença nas florestas, chegamos à reflexão da violência em que opera o tal desenvolvimento. O problema aqui é a maneira que as sociedades capitalistas conduzem isto, a maneira alienada e sem nenhuma medição de consequência da exploração desmedida de recursos naturais presentes em todo o sistema planetário, e com resultados nefastos para todos os povos que habitam este planeta.

## **2. UM MUNDO ÚNICO QUE QUER SUBMETER OS OUTROS**

A ideia de Ailton Krenak que mencionei no parágrafo anterior, acerca dos não-indígenas terem criado e disseminado uma ideia única de humanidade, é o ponto de partida que irei utilizar como base para começar a expor acerca da resistência indígena no antropoceno. Cada agrupamento humano abraça uma ideia do que vem a ser desenvolvimento para o seu povo, estando essa noção enraizada em suas tradições, costumes e modo de vida. Porém, a hegemonia presente em o todo mundo, a predominância e disseminação das ideias estabelecidas no mundo do capitalismo global e no mundo dos brancos euro-americanos, dita ou busca ditar qual deve ser a maneira correta de operar em cada campo da vida, e não seria diferente ao imporem as formas como a natureza deve ser utilizada em prol do desenvolvimento.

Ao compreendermos, por exemplo, a nossa sociedade brasileira que dispõe de forte valorização ao mercado e a produção voltada para este, compreendemos também que a saúde do meio ambiente e as formas de vida que o valorize de forma mais profunda não estão em prioridade. O problema da existência de um conceito engessado de humanidade é que tudo o que escapa da linha que criaram para essa definição é automaticamente excluído. Ou seja, como defende Ailton Krenak, além de político, o antropoceno também é excludente, pois como é possível existir povos que resistem e defendem suas formas de vida e suas florestas, se a ideia de humanidade que precisamos manter de pé para todo esse sistema de valorização extrema do mercado funciona explora a tão sagrada floresta? Como é possível deixar existir povos que resistem e defendem exatamente aquilo que precisam atacar para manter de pé esse sistema? Chega a ser desesperador imaginar como tocariam o mundo se não houvesse as diferenças e não houvesse mais resistência dos povos indígenas, pois a quem interessaria, verdadeiramente, proteger os recursos naturais? Dentro das universidades e em artigos como este presente, existem muitos gritos de “devemos proteger as florestas”, mas quem está de fato na zona de risco, presente naquele ambiente aonde os ataques seguem contínuos? Quem de fato vive, respira e compreende aquela atmosfera como parte do próprio ser? Os fatos presentes estão disponíveis para quem se propõe a buscar e entender, basta procurarmos nos noticiários atuais que logo iremos nos deparar com as tentativas incansáveis de expulsão dos povos indígenas das áreas de floresta, o garimpo ilegal ocorrendo deliberadamente em muitas de suas terras, corpos de jovens indígenas encontrados sem vida física, diversas

hashtags de resistência e luta sendo levantados todos os dias nos perfis em redes sociais de pessoas indígenas, expondo para todos nós o que vem ocorrendo em suas aldeias e pedindo por ajuda e visibilidade na constante luta por justiça. A necessidade de resistência para sobreviver e manter viva a tradição de seus povos não é novidade para os indígenas, eles infelizmente vivem com essa questão desde a primeira invasão realizada por portugueses e espanhóis no continente no século XVI, o que é outro exemplo de como uma imposição hegemônica visa a eliminação de toda e qualquer pluralidade. Encerro esse subtítulo com uma citação de Ailton Krenak que gera uma profunda e importante reflexão:

“A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres.” (KRENAK, 2019, p.23)

### 3. AS INÚMERAS FORMAS DE APAGAMENTO DAS TRADIÇÕES INDÍGENAS

Como já foi dito anteriormente, a necessidade de viver em modo de resistência é a realidade dos povos indígenas desde a invasão portuguesa no Brasil, e essa realidade é exposta por outro autor indígena, Davi Kopenawa, principalmente em “A queda do céu” (KOPENAWA, 2015), obra que tomarei por base para o desenvolvimento deste subtítulo. O capítulo doze, denominado “Virar branco?”, traz uma reflexão interessante sobre a tentativa de apagamento da espiritualidade indígena com a ideia de homogeneização de todas as sociedades sob uma única crença, um único Deus cultuado e uma única religião, onde essa reflexão faz uma perfeita ponte com o que Ailton pontuou em sua obra da ideia de humanidade única, que citei no item anterior. Desde a invasão, um dos meios de que os portugueses se valeriam para tomar essa terra (Brasil, já devidamente descoberta, conhecida e habitada por diferentes povos indígenas, e que inclusive era conhecida por outro nome dado pelos nativos) seria pela tentativa de converter pessoas indígenas para a religião católica como o autor cita logo no início do capítulo, contando ter vivenciado essa experiência desrespeitosa na sua infância. Cito uma parte de sua história exposta nesta obra:

“As palavras de *Teosi* [“Deus”] pertencem aos brancos. Antigamente, eram desconhecidas na floresta. Surgiram entre nós há pouco tempo. Nenhum de nós jamais as havia dito antes de os missionários chegarem com elas. Por isso não as compreendemos realmente. Só conhecemos um pequeno trecho delas, a montante. Porém, nosso pensamento é incapaz de desdobrá-las em todas as direções, como fazemos com as dos *xapiri*. Se continuarmos a ouvi-las e segui-las sem razão, acabaremos esquecendo os dizeres de nossos maiores. Aí, os brancos dirão que somos crentes, mas nosso pensamento terá só ficado tão esquecido quanto o da gente da cidade, que não sabe nada da floresta. Hoje, porém, é o contrário que ocorre. Muito poucos de nós ainda imitam *Teosi*, e os xamãs não temem os missionários como antigamente. Os *xapiri* continuam a nos fazer escutar seus cantos, que são nossa verdadeira língua.” (KOPENAWA, 2015, p.276)

Tomando por base a mesma fonte anteriormente citada e a observação das histórias das religiões no Brasil, se pensarmos no contexto atual de intolerância religiosa que sofrem os praticantes de religiões de origem não europeia, é nítida a repetição daquele mesmo padrão de “qual referência/pensamento vai se disseminar? se sobressair?”. Se partirmos das religiões espíritas, por exemplo, em que existem vertentes tais como o espiritismo kardecista (surgido na Europa) e o espiritismo umbandista, religião afro-brasileira que engloba elementos do catolicismo e dos rituais africanos de culto aos Orixás, sabemos que o primeiro é mais bem aceito pela sociedade brasileira, uma vez que o espiritismo proposto por Allan Kardec alcança grande adesão em camadas

sociais brancas e intelectualizadas no país, ao definir-se como religião racional, o que já é passaporte de aceitação em uma sociedade que valoriza o cientificismo. Enquanto que as outras religiões ou filosofias de vida, como a umbanda, o candomblé, as espiritualidades indígenas, são muitas vezes tidas como “crendices”, de forma pejorativa, “superstições”, “lendas”, entre outras coisas, sempre com o objetivo de tratar essas crenças como coisas ultrapassadas ou mesmo demonizá-las.

Com base neste capítulo de Davi Kopenawa citado anteriormente, é perceptível como a ideia coercitiva dos disseminadores do cristianismo vindo da Europa se vale do medo no post mortem. Neste capítulo, Kopenawa cita diversas práticas que o Deus cristão abomina (segundo a bíblia e seus evangelizadores), as quais os efeitos da desobediência (ou seja, fazer algo que esteja fora dos princípios cristãos) é a condenação eterna. O autor faz uma comparação entre essa ideia de Deus repreensivo e as divindades que sua espiritualidade cultua, do tratamento que suas divindades têm com o seu povo independente das ações destes, e de como eles são eficazes em curá-los. A verdade é que a espiritualidade indígena é muito viva e presente, tendo conexão forte com a produção de saúde para as pessoas yanomami e das condições necessárias para a vida coletiva entre parentes. É desrespeitoso o que ocorre com esses povos, de terem sido ao longo da história forçados a se renderem à crença pregada pelos não-indígenas, a qual, para a maioria desses povos não fazia o menor sentido, como relata Kopenawa.

A tentativa de homogeneizar toda a civilização humana é uma agressão profunda às diferenças, às múltiplas formas de conhecer, sentir e conversar com o mundo. Novamente, enfatizando o que foi dito no primeiro subtítulo, não é que todos os povos indígenas necessariamente rejeitem o conhecimento cristão, eles apenas não deveriam ter sido muitas vezes obrigados a adotá-lo em detrimento de suas próprias crenças. Alguns até mesmo se converteram e gostaram da palavra dos brancos, como Kopenawa cita ter ocorrido dentro de sua família em certo momento, relatando também já ter existido um desejo dele próprio em ver Jesus, já que as pregações inspiravam certa curiosidade. É extremamente interessante esse diálogo e conhecimento entre culturas, pois o mundo se trata disso, desde que não seja algo imposto coercitivamente e que por isso mesmo leve sociedades ao extermínio, seja físico pelas guerras ou seja pelo de apagamento de suas tradições. O triste é sabermos que essa troca não ocorre minimamente da forma respeitosa que deveria ser, mas sim pelo desejo de impor, podendo gerar conflitos tanto no âmbito da pessoa (por exemplo, através do medo, como sugerido acima), quanto na relação entre as diferentes culturas.

Passando agora para a compreensão de outra forma dessa tentativa de apagamento, me baseio no prefácio desta mesma obra de Kopenawa, prefácio este que foi redigido por Eduardo Viveiros de Castro, denominado como “O recado da mata” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), e início com uma citação do autor:

“Neste momento, nesta República, neste governo, assistimos a uma concertada maquinação política que tem como alvo as áreas de preservação ambiental, as comunidades quilombolas, as reservas extrativistas e em especial os territórios indígenas. Seu objetivo é consumir a ‘liberação’ (a desproteção jurídica) do máximo possível de terras públicas ou, mais geralmente, de todos aqueles espaços sob regimes tradicionais ou populares de territorialização que se mantêm fora do circuito imediato do mercado capitalista e da lógica da propriedade privada, de modo a tornar ‘produtivas’ essas terras, isto é, lucrativas para seus pretendentes, os grandes empresários do agronegócio, da mineração e da especulação fundiária, vários deles aboletados nas poltronas do Congresso, muitos apenas pagando a seus paus-mandados para ali ‘operarem’”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.19)

Com base nesta citação, refletimos que a valorização do mercado e da produção de recursos sob a lógica desenvolvimentista adotada mesmo por grande parte dos governos, até mesmo os de esquerda, têm levado ao apagamento de um conjunto de vidas (humanas e não humanas) e também de modos de vida que se opõem ao modelo capitalista de produção da vida. Quais futuros se poderiam visualizar a partir desse modelo de desenvolvimento? Se os grandes proprietários e empreendedores conseguissem de fato dominar tudo o que almejam, obtendo e concentrando cada pedaço de terra para seus benefícios próprios, em quanto tempo a natureza se degradaria de vez?. Embora a situação ambiental seja preocupante, ainda temos quem se importe, resista, e quem se dispõe a lutar contra essa lógica exterminadora. Mas, imaginando um mundo, não tão distante, sem essas presenças que ainda mantêm a pluralidade e beleza do planeta (em termos culturais e visuais) de pé, como seria viver por aqui? É intrigante pensarmos se os adeptos de extorsão da terra de fato visualizam um futuro possível para os seus descendentes, e até para eles próprios nesse mundo que estão caminhando para efetivar. Não tem expectativa de qualidade de vida? Há muito tempo o planeta vem pedindo

socorro. Há os que repudiam tal desespero, mas a cena é sim apocalíptica se fizermos um filme mental em nossas cabeças para assistirmos e refletirmos. Muitos pesquisadores desse tema propõem esse tipo de visualização e reflexão, de imaginarmos, a nosso modo, um futuro possível, sem negar os fatores vigentes como o aquecimento global, a violência de todos os níveis contra povos indígenas e outros povos da terra. Muitas pessoas, contudo, sequer refletem sobre um futuro possível, apenas operam, de forma alienada, da maneira que for ordenada, e isso infelizmente engloba boa parte das pessoas ativas na sociedade.

#### 4. O MUNDO “DAS MERCADORIAS” E AS DESIGUALDADES DE ACESSO A ELAS

Neste subtítulo, seria impossível abordar as inúmeras multiplicidades que compõem um mundo de bilhões de pessoas com suas culturas tão diversas; então focarei em algumas questões que permitem contrastar a atuação dos não indígenas frente ao antropoceno e as resistências indígenas, pois é do que se trata este presente artigo. Não se trata aqui de uma guerra declarada entre as culturas ou de oposições e diferenças irreconciliáveis, mas de quanto e tanto as condutas de uma possuem impactos, podendo ser negativos ou positivos sobre as outras. Não me interessa abordar as culturas de nós não-indígenas por elas mesmas, mas sim no momento que elas tocam e geram reações sobre vidas e culturas indígenas. É claro que não podemos passar por essa reflexão sem considerar como nossa cultura se estrutura. Portanto, irei iniciar a reflexão que será apresentada no decorrer dos parágrafos começando por uma citação da obra “O amanhã não está à venda” (KRENAK, 2020):

“Faz algum tempo que nós na aldeia Krenak já estávamos de luto pelo nosso rio Doce. Não imaginava que o mundo nos traria esse outro luto. Está todo mundo parado. Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, perguntaram a minha opinião. Eu respondi: “A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida”. Então um deles me disse: “Mas isso é impossível”. O mundo não pode parar. E o mundo parou.” (KRENAK, 2020, p.1)

Esta obra foi publicada durante a fase mais alarmante da pandemia da covid-19, que atingiu todo o mundo. Reflito a partir do primeiro capítulo da obra, que destaca este triste episódio na existência humana e as duras reflexões sobre a vida, sobre nós mesmos (internamente), e sobre nós em contato e diálogo com o mundo e sobre os outros, considerando-se aqui alteridades humanas e não humanas. Muita gente acha absurdo levantar a questão de que fomos nós, seres humanos, que causamos o início da pandemia, mas a verdade é que foi sim, assim como causamos o agravamento e causamos também a atual continuidade. Se nossa cultura valoriza tanto o conhecimento científico, porque não acreditamos na ciência quando ela nos mostrou, há anos atrás, a possibilidade do mundo ser submetido a esta pandemia? Porque quando surgiram vacinas muitas pessoas negaram, e ainda seguem negando a imunização? Porque insistiram em “continuar a vida normalmente” no período mais complicado da pandemia? É certo que a grande maioria estava preocupada com o seu sustento e principalmente de sua família, preocupados em manter seus comércios, moradias, entre outras coisas que deveriam ter nos sido proporcionado e garantido pelo Estado. A retomada de alguns autores clássicos nas ciências sociais pode lançar luz sobre as bases do modelo de produção e desenvolvimento econômico que se estendeu pelo planeta Terra.

Na engrenagem do sistema capitalista, já muito estudada por autores marcantes como Karl Marx e Friedrich Engels em sua famosa obra denominada “Manifesto comunista” (ENGELS; MARX, 1848) e também em “O Capital” (MARX, 1867), a técnica é o proletário vender a sua força de trabalho, participando de uma linha de produção incessante, na qual muitas vezes não conhece o resultado final e nem venha a usufruir daquele produto, seja devido ao valor de custo, seja devido à carga horária de trabalho extensa que o priva do descanso, como reflete o conceito de “alienação do trabalho”, proposto por Marx. De forma resumida, com base nesses mesmos autores, nessa construção existe a classe que explora (os donos dos meios de produção) e a classe explorada, os trabalhadores. O Estado, que opera em prol da classe exploradora, assegura por diversos meios que os interesses dos proprietários se mantenham, em detrimento dos direitos, busca por igualdade e salários justos para os trabalhadores. Uma das formas de manutenção desses interesses é a aplicação de instrumentos utilizados para alimentar, cada vez mais, a necessidade e o desejo da sociedade pelos produtos, e paralelamente a demanda de produção. Essa breve introdução que expus acerca da luta de classes, formulação já conhecida e discutida no campo das ciências sociais, apesar de provocar uma reflexão interessante para se

pensar a resistência das populações carentes no cenário que a economia e o mercado se apresentam no antropoceno, não é o foco deste artigo, portanto, não irei aprofundar, apenas achei relevante citar para chamar a atenção para a existência deste contraste no interior de uma mesma cultura. O contraste aí é de diferença de acesso entre proprietários/proprietárias e trabalhadores/trabalhadoras. Mas, em princípio, a ideologia capitalista tende a produzir em ambas as classes o mesmo desejo de acesso às mercadorias. Outro nível para pensarmos a questão é aquele tratado por Davi Kopenawa, no capítulo 19 denominado “Paixão pela mercadoria”, presente na obra “A queda do céu” (KOPENAWA, 2015), onde o autor traz uma passagem que utilizarei para comentar este estado de insatisfação que os não-indígenas entram, mesmo quando têm muito e de tudo, mas, ainda assim mantém a “obsessão” por produzir mercadorias. As implicações para os povos indígenas e para todos os povos da terra é o que eu gostaria de destacar:

“Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa na nossa terra.” (KOPENAWA, 2015, p.407-408)

Com base nessa citação, refletimos que, com a demanda incessante pela produção de mercadorias, cresce paralelamente e conseqüentemente as necessidades de explorar mais recursos naturais, já que as técnicas de produções intensas e frenéticas exaurem com o tempo aqueles que antes estiveram disponíveis. Ou seja, os não-indígenas já deixaram “suas” terras exaustas e agora visam utilizar terras indígenas para realização de suas produções, ultrapassando limites legislativos e humanitários que garantem as terras dos povos originários. Por isso tentam apagar a todo custo a existência desses indivíduos, pois necessitam do que é deles para continuidade do funcionamento do seu sistema de produção. O que intriga é a reflexão anteriormente já levantada: qual futuro eles vislumbram nisto? Se olharem ao redor, percebem que sua maneira de atuar no mundo o torna inutilizável e improdutivo para seus próprios interesses, assim como ocorreu com todo o recurso que seu modo de produção desgastou. Então por qual raciocínio traduzem que seria diferente após conseguirem ceifar todas as terras indígenas? O que fariam depois disso, depois que essas terras também se tornassem improdutivas? Apesar de uma maioria significativa de habitantes humanos do planeta terra carecer de uma reflexão profunda sobre nós mesmos e o mundo que estamos vivendo e construindo (e eu digo isso em relação aos fatores que estão sob nosso poder de controle, como o meio ambiente, já que nossas ações nos trouxeram à uma era em que temos esse efeito de transformação no meio natural e planetário), temos também uma outra parcela da população que se preocupa com o que está ocorrendo.

Retomando à questão da forma de produção e os efeitos no meio ambiente, é certo que o problema não é resumidamente o desenvolvimento, pois ele na verdade facilitou muitas coisas cotidianas nas sociedades. Uma obra importante e bem interessante para se compreender esses momentos de grandes descobertas de engenhosidades na história do desenvolvimento do mundo ocidental é “Sociologia”, de Anthony Giddens. O estudo que ele expõe da relação das mudanças no mundo, a globalização e o meio ambiente em alguns capítulos ampliam bastante os horizontes de pensamentos acerca dessas questões. Esse autor expõe uma reflexão parecida com aquela que citei no início do artigo com base nas pesquisas no portal do Museu do Amanhã, algo que hoje é bem claro para toda a sociedade: a degradação do espaço natural se expandiu, de forma profunda, a partir do processo de produção das indústrias, e é tão latente que colocam em risco vidas humanas e de todos os outros seres vivos, e a produção industrial, nada mais é, que ação humana. Então, apesar de apreciarmos facilidades em nosso dia-a-dia que realmente colaboraram com as nossas demandas diárias, devemos refletir também e principalmente sobre as suas conseqüências.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de antropoceno, um ato de resistência parece-me ser o reconhecimento, ou mais, a busca de conhecimento de diversas formas de vida alternativas àquela definida como padrão no ocidente moderno. Não cabe imaginar que, em algum lugar, acharemos uma solução definitiva para a crise climática que se aprofunda. De todo modo, sabemos que para reanimar o planeta temos povos com conhecimentos muito eficazes. Não digo que exista apenas um caminho e apenas uma verdade, mas existe a presença de “várias

verdades”. O mundo é rico o suficiente para adentrarmos nessa profunda exploração, é como uma biblioteca que se estende por muitas e muitas fronteiras, mudando o gênero dos livros a cada divisão de linhas que definem os países, ou apenas municípios, cidades... não precisamos ir tão longe para nos depararmos com o diferente. Em muitos locais, comunidades do mundo inteiro estão fazendo suas vidas a partir de relações respeitadas com a terra, com as águas dos rios, com os sujeitos outros que humanos que partilham a vida com os humanos.

Tendo essa reflexão, não restam dúvidas de como iríamos matar o nosso mundo se apagássemos as diversidades. Imagina a única resposta para os problemas ambientais ter de sair da nossa cultura, que foi justamente a que os desencadeou? Ai sim poderíamos decretar que não temos soluções, pois não temos mesmo. É notório que a existência e resistência dos povos indígenas é o que ainda mantém o nosso planeta. Por isso, precisamos ouvi-los, aprender com eles, e pôr em prática modos de conhecimento capazes de evitar os diversos tipos de destruição. Esses povos nos mostram que a natureza é habitada por outros sujeitos que não apenas os da espécie humana, então devemos ter com estes habitantes o mesmo zelo e o mesmo respeito que devemos ter com os outros seres humanos.

Existem hoje diversos projetos que atuam em busca de soluções para a proteção das florestas, preservação ambiental e resistência das culturas indígenas, em que participantes das comunidades elaboram projetos e buscam parcerias com órgãos governamentais e não governamentais para seguirem preservando suas terras. Apoiá-los dando visibilidade e contribuindo para sua implementação é uma maneira de contribuir para a restituição do que muito já foi perdido em nosso planeta, e também para a continuidade da vida de todas as espécies. A inserção de representantes indígenas no congresso e a escolha de ministros engajados em pautas ambientais também colaboram para a “união de forças” que o planeta terra tanto tem necessitado. É com este pensamento que pretendo seguir na pesquisa sobre os modos indígenas de viver, em suas múltiplas dimensões, práticas e espirituais, no caminho de resistência que nos vêm indicando, que é também maneira de re-existência.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CERQUEIRA, Thaís. Antropoceno: somos uma força planetária. Museu do Amanhã. Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno-somos-uma-forca-planetaria>>. Acesso em 25 de junho de 2022.

CERQUEIRA, Thaís. Antropoceno: sinais de que estamos na “Época dos Humanos”. Museu do amanhã. Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/sinais-de-que-estamos-na-epoca-dos-humanos>> . Acesso em 25 de junho de 2022.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p.65. 6ª. Edição. Disponível em:<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod\\_resource/content/1/Anthony\\_Giddens\\_Sociologia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf)>. Acesso em 25 de junho de 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton Alves Lacerda. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. Disponível em<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod\\_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf)>. Acesso em 25 de junho de 2022.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em:<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod\\_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf)>

PÁDUA, José Augusto. Vivendo no **Antropoceno**: incertezas, riscos e oportunidades. Museu do Amanhã. Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/livro/10-vivendo-no-antropoceno.html#:~:text=Ele%20passou%20por%20rupturas%20radicais,de%20%E2%80%9Ca%20grande%20acelera%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>>. Acesso em 25 de junho de 2022.